



O GARIMPO NO VALE DO ARAGUAIA: MITOS, REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO

Núbio Vicente da Silva¹

RESUMO: Este artigo procura evidenciar, em parte, a vivência, as tradições, os ritos e as crenças, como parte da identidade garimpeira, no vale do Araguaia, por meio dos conceitos de representação, mito e imaginário. Aponta, ainda, a problematização quanto às poucas fontes historiográficas científicas existentes no mercado que enfocam essas particularidades. Mas é com o advento da História Cultural, com seus conceitos de representação e imaginário que se passou a valorizar as culturas consideradas marginalizadas, por meio dos estudos e pesquisas epistemológicas com resultados de publicações. Destaca, também, que o garimpo é um espaço rico em diversidade, que possibilita a integração entre os povos, trocas de experiências e intercâmbio cultural com a convivência na busca para realizar o sonho de encontrar o minério, melhorar a situação social e viver a vida.

PALAVRAS – CHAVE: Crônicas. Mito. Imaginário. História Cultural.

THE GARIMPO THE VALLEY ARAGUAIA: MYTHS, REPRESENTATIONS AND IMAGINARY

ABSTRACT: This article seeks to highlight part of the experience, traditions, rites and beliefs as part of the identity of gold mining in the valley of the Araguaia through the concepts of representation, myth and imagination. It highlights the problematic regarding the few history graphical sources on the market that focuses on those specific characteristics. But it is with the advent of Cultural History, with its notions of representation and imagery that came to value the crops considered marginalized, through studies and research results with epistemological publications. Also notes that mining is an area rich in diversity, which enables integration between people, exchanges of experience and cultural exchange with living in search of the dream of finding the ore to improve the situation and live life.

KEYWORDS: Chronicles. Myth, Imagination. Cultural History.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura evidenciar, por meio dos conceitos de representação, mito e imaginário, a vida do garimpeiro no Vale do Araguaia, processo histórico do qual participei,

¹ Mestre em História pela PUC-GO. Especializado em História pelo Instituto Cuiabano de Educação - ICE/IMP. Diretor de Escola Pública Municipal em Aragarças e Professor efetivo da Rede. Email: nubiovicente@hotmail.com



durante dois anos, e ocasião em que pude experienciar as ricas tradições contidas na identidade do garimpo de pedras preciosas. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva tornar públicas as formas de vida que o garimpeiro leva em seu habitat, seus costumes, seus ritos e suas crenças que compõem uma identidade rica em diversidade cultural. Esse campo, até então, pouco explorado pelos historiadores brasileiros, conseqüentemente nos proporciona contribuir para a futura ampliação dessa área de conhecimento, apontando caminhos e horizontes para os estudos científicos, por meio das fundamentações teóricas específicas da área da História Cultural, que, somadas às crônicas do garimpo, passam a enriquecer a nossa historiografia, no sentido de contribuir para a desmistificação de ideias preconceituosas, formadas pelo senso comum, sobre o mundo do garimpeiro.

Portanto, para compreender melhor esse contexto histórico do garimpo é necessário discorrer sobre algumas teorias que procuram explicar e fundamentar os conceitos de cultura, representação, mito e imaginário, aos quais está ligada a vivência do homem minerador.

Material e Métodos:

No significado mais primórdio, a palavra Cultura apresentava, como afirma Raymond Williams, “[...] uma gama de significados do cotidiano como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração e nos termos mais definidos referia-se a lavoura, o cultivo da terra, ou seja, os cuidados com as colheitas ou com os animais”. (WILLIAMS 2007, p.177). Nesse sentido, a cultura se limitava às ações dos homens do campo, mesmo porque, em pleno século XVI, o que predominava como forma de meio de produção econômica era o investimento na agricultura, época em que a maioria da sociedade estava voltada para as atividades do campo.

Por outro lado, havia pouco interesse do homem em constituir propriedade em aglomerações, povoados ou cidades, pois o contexto não oferecia condições de trabalho para dar estrutura de subsistência familiar e, além do mais, esse homem só seria despertado para a Zona Urbana séculos depois, com o advento das Revoluções Industrial e Francesa, não por ele querer, mas com a culminância do êxodo Rural, que resultou na superpovoação das cidades, de forma não planejada e rápida, devido ao surgimento das máquinas e, com elas, as fábricas e indústrias. A partir de então, estabeleceu-se um novo sistema de produção em que o camponês passa a ser o proletário, com mão de obra assalariada e os latifundiários, os detentores dos meios de produção, considerados, assim, os capitalistas modernos.



Dessa forma, então, a partir do princípio do século XVI, “[...] o cuidado com o crescimento natural ampliou-se para incluir o processo de desenvolvimento humano, e esse, ao lado do significado original relativo à lavoura, foi o sentido principal até o final do século XVIII e início do século XIX”. WILLIAMS (2007, p.118).

Diante do exposto, percebe-se que o significado da palavra Cultura, no decorrer dos anos, foi ganhando amplitude de sentidos voltados propriamente para o ramo das ciências humanas e sociais, passando a ser denominado, segundo Andrew Milner, como Estudos Culturais, que, literalmente, significam o estudo da cultura. Esse novo paradigma passa a ser considerado por Haggart, Williams e Thompson como a definição de um quadro de conjuntos de significados que se denomina como um campo interdisciplinar, como uma invenção política das disciplinas acadêmicas existentes; como uma disciplina inteiramente nova, definida em termos e assuntos inteiramente novos.

O primeiro sentido foi claramente aquele tencionado por Hoggart na proposta inicial de fundar um centro de Literatura e Estudos Culturais Contemporâneos. Para Hoggart, estudos culturais deveria ser um campo de pesquisa interdisciplinar em nível de pós-graduação, que recrutasse pessoas formadas em ciências sociais, história, psicologia, antropologia e estudos literários. (WILLIAMS, 2007, p.421 - 422).

Uma vez denominado esse novo paradigma dos estudos Culturais, dá início, então, um novo processo de busca e de interpretação dos fatos históricos relacionados às práticas sociais, tanto da cultura da elite, quanto da cultura popular, que, até então, era somente um papel dos historiadores que, por sua vez, não estavam interessados em se aprofundar empiricamente nessa área de conhecimento.

Os estudos Culturais procuraram combinar os métodos qualitativos característicos das Humanidades tradicionais com um ceticismo estético (que não precisa significar relativismo) característico das ciências sociais. Era, em suma, uma ciência social do estudo do significado textualizado. (WILLIAMS, 2007, p.425).

Posteriormente, os estudos Culturais, ao ganhar impulso como um grande recurso dos estudos das culturas e sua compreensão lógica, fundamentados nas ciências humanas e sociais, passou a garantir explicações convincentes a respeito dos fatos tidos como culturais. Porém, dentro desse contexto, na década de 1960, algumas mudanças tidas como “virada lingüística” envolvendo muitos intelectuais que, segundo suas correntes historiográficas, eram necessárias tais transformações, por exigência da crise de paradigmas, ou seja, a busca de uma



teoria que pudesse dinamizar os fatos e explicar as razões dos acontecimentos presentes. Duas correntes de renome estavam na busca dessa alternativa histórica, sendo a ala marxista e a Escola dos Annales.

No entanto, o período que antecede esses acontecimentos históricos, poderia ser denominado de “clássico,” no sentido de que foi um tempo em que os historiadores culturais concentravam-se na história dos clássicos, um “cânone” de obras-primas da arte, literatura, filosofia, ciência e assim por diante. (BURK, 2005, p16).

Na verdade, a crise dos paradigmas é atribuída não ao historicismo de Rank, ou ao positivismo de Conte, mas, certamente, ao próprio marxismo e à escola dos Annales, pois esta última não mais conseguia dar respostas satisfatórias que servissem como explicação da realidade. Só na terceira geração dos Annales foi que Pierre Goubert e Emanuel Lê Roy Ladurie elaboraram a chamada história das mentalidades e com esta, o nível cultural passava a ser entendido como uma forma de determinação primária da sociedade.

Para Pesavento, “[...] a história das mentalidades apontava para os caminhos das elaborações mentais e dos fios de sensibilidades que percorriam o social de ponta a ponta, mas não se define teoricamente”. (PESAVENTO, (2008, p.31).

As mudanças epistemológicas continuaram a acontecer no cenário da história, pois com as mentalidades idealizadas pela escola dos Annales, veio o conceito de representação, como parte da história Cultural, que se completa como elemento fundamental no processo dos estudos das culturas diversas, por meio do imaginário, que se encarrega de construir os fatos que dão o devido sentido ao mundo.

Portanto, a história Cultural é composta dos elementos essenciais, na busca do entendimento e da interpretação dos eventos culturais, que se caracterizam nas mentalidades, nas representações e no imaginário, dando conta de dar explicações à sociedade de sua real situação.

A história Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbem de construir uma representação sobre o já representado. Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. (PESAVENTO, 2008, p.43).

Percebe-se que o imaginário possibilita, dentro da história cultural, a verdade de constituir sentidos de existências dos fatos passados, do imediato como comprovação do real vivido. Dessa forma, o conceito de imaginário passa a superar o de mentalidades. Portanto, ao



contrário das mentalidades, o imaginário é tido como categoria preferencial, no sentido de exprimir a capacidade dos homens para representar o mundo.

Não se pode pensar em história Cultural, sem que esteja presente o processo de construção de identidades, tanto coletiva, quanto individual. Nesse sentido, Peter Burke afirma que:

A preocupação com a construção da identidade é uma característica importante da NHC, o que não é de surpreender, numa época em que a “política de identidade” se tornou questão de grande relevância em muitos países. (BURKE, 2005, p.116).

MITO E IMAGINÁRIO

No entanto, partindo para os conceitos Mitológicos com suas representações, Místicas não se relacionam com a linguagem racional. Mas, sua existência e manifestação são anteriores à evolução da ciência, e sua criação se dá em um momento histórico, a partir de questionamentos como forma de explicar a realidade. E encontra na narrativa literária o fortalecimento fenomenológico para estudar e narrar os fatos, como críticos, e automaticamente se ocupa do ato de interpretação dos acontecimentos.

Em primeiro lugar, o Mito aparece como o relato de um acontecimento instaurador. De fato, narra o que os Deuses fizeram. E o que eles fizeram nas origens são as coisas como são na atualidade. Trata-se sempre do que agora é significativo, daquilo que se faz ou se usa, e necessita ser “consagrado” por uma orientação á fonte ontofânica. (CROATTO, 2001, p.220).

“O imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção” (LAPLANTINE, 2003, p. 24).

Por outro lado, o Mito apresenta conceitos que não deixam distância do imaginário, pois se fundamenta nos símbolos e rituais e nos relatos dos conhecimentos culturais, que, de forma fenomenológica, implica a narrativa e a interpretação dos feitos humanos.

De acordo com DUBOIS (1995, p. 24), “[...] o Mito não pode ser reduzido a uma produção da atividade imaginativa: é também um relato que, como tal, obedece a modos de expressão lingüísticos e a princípios “diegéticos””.

Vale ressaltar que, nesse processo de ligação do Mito e do imaginário, estão também as características que diferem seus conceitos de atuação no mundo. Enquanto o imaginário



realiza a fabricação dos deuses, o Mito surge como a forma de explicação e convencimento social, e a razão entra na narrativa, como meio de ideologizar definitivamente a existência de tais deuses, como elementos mitológicos e culturais da nossa História.

Evidentemente, pode-se ressaltar que os componentes simbólicos não se afastam do contexto do mito, pois ambos estão ligados e dependentes no processo de solidificação da realidade humana. Diante disso, afirma Croatto:

Símbolo e mito apelam-se mutuamente. O símbolo é um componente essencial do mito. E este por sua vez, “realiza” o símbolo, já que sua tendência é ingressar no mito, embora seu caráter frontal lhe permita “realizar-se” também na arte, na linguagem, nos sonhos. (CROATTO, 2001, p. 241).

Os conceitos acima foram estabelecidos com o objetivo de fundamentar as diferenças e semelhanças existentes entre representações, mitos e imaginário e mostrar essas relações como processo de construção histórica de uma tribo, povo ou nação. Assim, o mundo do garimpo é constituído de todos esses conceitos, pois também é um lugar rico em diversidade, em tradições, costumes, cultos e ritos.

RESULTADOS:

Crônicas do Garimpo

Na década de 1990, ao trabalhar em um garimpo de pedras preciosas, no Rio Araguaia, Município de Aragarças-Goiás, lugar conhecido como Macaquinho, durante dois anos, o destino nos possibilitou viver uma experiência da qual não houve arrependimento pelo fato de deixar saudades, apesar do trabalho duro. Era gratificante, quando se achava uma pedra de diamante, na lavagem do cascalho, retirado com muito cuidado e sacrifício, por meio da força dos motores, que o jogava nas resumidoras e nas bicas com grades, possibilitando aferrá-lo, sendo ele pequeno ou grande. De certa forma, a vida de garimpeiro é divertida, às vezes ele bamburra², muitas vezes queima³, mas o espírito aventureiro está presente entre os homens do garimpo.

Nos dias de lida, o sono chega cedo da noite, e, no dia seguinte, acorda-se com a aurora para enfrentar os grandes desmontes de terras barrentas que, juntamente com a água,

2 Bamburrar: Ato de achar metal precioso de/ou em grande proporção.

3 Queimar: Ficar muito tempo sem achar o minério.



chegam à maraca⁴ do cano chupão⁵, encarregado de engolir todo tipo de lama com sujeira. Enquanto isso, o maraqueiro⁶ está com a água até a cintura, atento ao alto barranco, atingido diretamente por um jato de água puxada por motor, localizado na beira do rio.

Esse processo é constante na vida do garimpeiro, que almeja, na verdade, retirar toda terra para alcançar um cascalho cremoso⁷ de formas diversas, principalmente as ferragens, pedra que, abundante, é sinal certo de diamante.

Passa-se o dia, e, todos exaustos voltam para os barracos de palhas, depois de um belo banho às margens do Rio Araguaia. Então, cai a noite; se ainda tiver ânimo, o garimpeiro arrisca uma disputa no jogo de baralho, no barracão próximo ao campinho de futebol, ou, então, uma pescaria à luz de lanterna, para garantir o almoço do dia seguinte. Outra alternativa é a reunião com os vizinhos para ouvir e contar histórias, piadas ou causos de garimpeiros, sob o luar.

No final de semana, por certo, havia o jogo de futebol, e disputa animada e acirrada dava-se entre o time do garimpo do Macaquinho contra o do Careca. Era necessário que os atletas do Macaquinho percorressem um trecho de oito quilômetros, a pé; o caminho de estreitos trieiros⁸ passava pelo córrego do João Velho, rumo ao Araguaia acima. Quando chegávamos, nem percebíamos o cansaço, pois a euforia da torcida, em volta do campo, ansiosa para iniciar o jogo, nos deixava mais animados e com vontade de golear o time adversário. Geralmente, essas disputas tinham como resultado a vitória do Macaquinho, que, mesmo percorrendo oito quilômetros para jogar, fazia bonito e vencida a maioria dos jogos.

Na volta, geralmente com a alegria de vitória, já escurecendo, passávamos no bar do fazendeiro⁹ para comprar dois ou três litros de cachaça para comemorar a vitória no caminho, por sinal, uma verdadeira aventura. Debruçávamos os litros de pinga sobre a boca e nos dirigíamos para a mata adentro, gritando, rindo, contando piadas, cantando em plena escuridão, às vezes, caindo, às vezes, em pé, momentos correndo. O sentido da direção correta ficava por conta daquele garimpeiro mais lúcido, ou se dava a ver pelo clarão da lua cheia. Quando chegávamos, mal tomávamos um banho, na beira do rego d'água próximo aos

4 Maraca: Estrutura circular de metal com grade, que acoplada na boca de um cano chupão, serve para evitar o entupimento.

5 Cano chupão: Cano posicionado dentro d'água para tragar terra e cascalho.

6 Maraqueiro: Pessoa que segura a maraca dentro d'água evitando o entupimento do cano chupão.

7 Cremoso: Cascalho bonito composto de variedades de formas.

8 Trieiros: Estrada estreita frequente em fazendas e garimpos.

9 Fazendeiro: Dono da propriedade de terra onde se localiza o garimpo.



barracos e caíamos como pedras na tarimba¹⁰, por estarmos bêbados e cansados. No dia seguinte, vinha a ressaca, mas tudo valia à pena.

GARIMPO: O SONHO, AS APARIÇÕES E O MODO DE VIVER.

No contexto vivido pelo garimpeiro todos os sonhos voltam-se para o garimpo. Cada um conta e, ao mesmo tempo, os interpreta, como premonição: encontrar-se-á diamante nos próximos dias, ou, por muito tempo, não haverá pedra preciosa. Entre essas muitas histórias, contava-se a das aparições de um tal chamado “Negão”. Segundo diziam, esse personagem aparecia no barraco, durante a noite, e ficava de pé, olhando para os garimpeiros que dormiam. Segundo as crenças do garimpo, onde as aparições são constantes, há muitos minérios, pois atraem as assombrações.

O ambiente do garimpo é composto de alegrias, tristezas, solidão, intrigas, destruição da natureza e perigo. O garimpo é um lugar de múltiplas diferenças e particularidades que possibilitam, como resultado, as sociabilidades; é permeado por vivências de homens cheios de sonhos e esperanças, que buscam sofridamente uma vida melhor, simbolizada pelos minérios preciosos. Diante da situação negativa da queima, esses homens não desistem, continuam na labuta, na persistência e na esperança de, quem sabe, um dia, seus sonhos se concretizarem. Enquanto espera, o garimpeiro vai levando a vida envolvente que o lugar lhe oferece; muitos até se acostumam com a vida na pendenga¹¹, satisfazendo-se apenas com a boia¹² e permanecendo um aventureiro do destino.

Percebe-se, com a somatória dos hábitos, da gama de tradições, usos e costumes, que a representação do homem garimpeiro está em um ofício diferente, cheio de história aventureira, em que o praticante não possui definido rumo, nem destino fixo, pois é um nômade do minério. Deixa a família, abandona a vida urbana, para se entregar ao enigma do garimpo. Lugar cheio de mistérios, surpresas, o garimpeiro não sabe o que encontrará, ou se irá realmente encontrar o que mais procura. Dizem dele que “está caçando o que não perdeu”. Esse homem, uma vez em contato com o minério, mais é atraído e fascinado, o que o leva a continuar na lida, por muito tempo, e, muitas vezes, até o fim de sua vida.

¹⁰ Tarimba: Cama de madeira rústica forrada com pau de babaçu.

¹¹ Pendenga: Necessidade das coisas, falta de dinheiro.

¹² Bóia: Comida, refeição.



Está, portanto, nesse abandono da família e da vida urbana pelo garimpo o fundamento do dizer popular de que “É fácil um homem virar garimpeiro, mas é difícil um garimpeiro se tornar homem”.

DISCUSSÃO:

A história da Cultura garimpeira se define como “a história desprezada”, que, por sua vez, passa a integrar as novas vertentes dos estudos e pesquisas da Nova História Cultural, pois esta é destacada por Lynn Hunt como um novo paradigma, que passa a ver com outros olhos outras culturas que, até então, eram discriminadas dentro dos estudos científicos:

Os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (HUNT, 2001, p.2).

O mundo do garimpo pode ser dividido em três etapas de representações, sendo a primeira caracterizada pelo homem dissoluto, esse que vive como devasso, buscando satisfazer seus desejos em festas, bordeis e cabarés, prostituindo-se e o dinheiro que tem é esbanjado rapidamente. Esse homem dissoluto tem a sede de conquistar, de avançar os limites e com esse objetivo deixa a vida urbana, abandona a família, mulher, filhos e toda uma vida construída para procurar o minério que tanto o fascina.

A segunda representação se pauta no homem heroico, aventureiro, cujo contexto é cheio de imprevistos e, na busca pelo diferente, enfrenta, de forma simplista, os fenômenos da natureza. É o homem de garra, de luta, que labuta no sol, na chuva, à noite e, se possível, desafia a correnteza das águas, os animais ferozes e até as assombrações. Vive vagando como nômade, à procura de melhoria de vida e buscando incansavelmente a riqueza, a liberdade com a natureza, a esperança de uma vida melhor. Esse é o homem que leva a vida buscando os desafios do destino, nas farras, nas festas e gasta, se possível, todo o dinheiro para conseguir prazer, curtição, bebidas e mulheres.

As mulheres prostitutas também iam até os garimpos, mesmo que fossem distantes, quando sabiam que, em algum lugar, surgia mancha¹³, pois o metal precioso em abundância era sinal de festa e muito dinheiro.

¹³ Mancha: Minério em grande proporção.



Ao chegarem a um garimpo, armavam suas tendas, ou faziam suas barracas com intenção de passar ali alguns dias e ganhar dos garimpeiros uma boa quantia em dinheiro. A presença dessas mulheres nos garimpos provocava um clima de euforia e diversão entre os garimpeiros solteiros, devido ao fato de, eles, de costume, ficarem muitos dias sem ir à cidade e sem terem contato com mulheres. Assim, quando estavam endinheirados, a maioria se embebedava e, motivada com a presença feminina, começava a gastar descontroladamente todo o dinheiro, sendo que a maior parte ficava nas mãos das mulheres prostitutas, que, depois de deixarem o garimpeiro na pendenga, voltavam para a cidade com o capital suficiente para se manter por alguns meses.

Já a terceira representação está relacionada ao sonho, que representa para o garimpeiro algo valoroso, pois se trata do sobrenatural que acontece para esse homem, como forma de previsão das coisas futuras, boas ou ruins, principalmente dentro do contexto do garimpo. Dentre os sonhos, podem-se classificar as representações simbólicas consideradas e interpretadas por senso comum pelos garimpeiros, como favoráveis à cata de minérios. Assim é como sonhar com animais brancos, como vacas, ovelhas, pássaros e outros e, ainda, com mulheres ou moças bonitas nuas, crianças recém-nascidas, sonhar com o sol radiante, a lua e as estrelas, onde, no onírico, o sonhador esteja em relacionamento, ou em contato com tais símbolos, dentro do seu ambiente de trabalho.

Os sonhos considerados como previsão negativa, interpretados pelo homem garimpeiro como experiência e previsão de queima (muito tempo sem pegar minério), desastre, morte, decepções, obstáculos e confusões, geralmente são ligados aos animais tidos como traiçoeiros, como lobos, cobras, onça, sapos, ou seja, animais de cores escuras, sonhos com caixão, defuntos, ainda mais se essas representações estiverem relacionadas no sonho com o lugar em que o garimpeiro está inserido.

GARIMPO: INTEGRAÇÃO CULTURAL

Vale dizer que o espaço do garimpo é composto por diversificadas identidades culturais que possibilitam a fácil interação e a sociabilidade entre a comunidade. Há de se lembrar que o garimpo, no Brasil, incentivou as imigrações que culminaram repentinamente na criação de povoados, vilarejos, distritos e, conseqüentemente, na constituição de cidades. A



notícia da Leva de diamante no Vale do Araguaia espalhou-se rapidamente pelo Brasil, culminando na povoação e, conseqüentemente, no surgimento de duas cidadelas, que, no primeiro momento, passaram a se chamar Barra Goiana, à margem esquerda do Rio Araguaia e Barra Cuiabana, à margem direita.

Hoje, a primeira é Aragarças, no Estado de Goiás e a segunda, Barra do Garças, no Estado de Mato Grosso. Ambas surgiram com a influência de “Manchas” do garimpo de Pedras Preciosas.

A maioria dos garimpos apresenta um contexto de encontros culturais, pois é um recinto de reciprocidades e, ao mesmo tempo, de heterogeneidades. É um lugar que possibilita a troca de experiências e a assimilação de conhecimentos comuns entre as culturas, que, por sua vez, se compõem de imigrantes goianos, mineiros, cariocas, paulistas, cuiabanos e, em larga escala, de nordestinos, considerados os que mais imigraram por todo o País, devido à própria situação de fome, seca e baixa expectativa de vida que boa parte dos estados da região nordestina oferecia.

Diante disso, pode-se observar o que ressaltou Peter Burke na “interpretação dos encontros culturais”:

Uma das regiões pelas quais é improvável que a história Cultural desapareça, apesar das possíveis reações contra ela, é a importância dos encontros culturais em nossa época, gerando uma necessidade cada vez mais urgente de compreendê-los no passado. (BURKE, 2005, p.154).

Aqui está um pouco do que é a diversidade do garimpo com sua importante tradição, que apresenta uma identidade rica, porém pouco vista e reconhecida pelos historiadores, que percebem pelos pouquíssimos trabalhos de pesquisas científicas publicados no mercado, como livros, artigos e outros. No entanto, é um vasto campo dentro da História Cultural que pode ser explorado e valorizado, por meio dos conceitos dos estudos científicos, meio pelo qual será possível tornarem vivas e imortais as tradições do garimpo, pois é por meio da prática de extração de minérios realizada pelos homens simples e sofridos, considerados por muitos os que ocupam a baixa escala da história, são eles os responsáveis por alimentar e manter em pleno funcionamento o mercado de joias, em âmbito nacional e internacional. São os garimpeiros que tornam possíveis os amplos recursos de beleza aprazível aos homens e às mulheres, pelos monumentos, colares, roupas, cintos, sapatos e anéis que são usados



orgulhosamente pela classe de intelectuais, que, na maioria das vezes, não reconhecem e tão pouco lembram que existe ainda o garimpeiro.

Para Michel de Certeau (2008), o historiador deve atentar para as minúsculas coisas que compõem o processo natural de construção da história, que não são percebidas, na maioria das vezes, pela escala de estudos científicos, como elementos importantes que compõem uma cultura determinada. Portanto, o historiador possui o poder de transformar objetos de estudos em história cultural:

[...] mas o historiador não se contenta em traduzir de uma linguagem cultural para outra, quer dizer, produções sociais em objetos de história. Ele pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura. Modifica o espaço, da mesma forma que o urbanista, quando integra o campo no sistema de comunicação da cidade [...]. (CERTEAU, 2008, p.80).

Por outro lado, graças à ascensão da história da cultura popular, na década de 1960, na Grã Bretanha, culminando, posteriormente, com o surgimento dos “estudos culturais”, e o olhar dos historiadores, de uma forma mais atenciosa, voltou-se para a observação, estudos e pesquisas no campo da história popular, que, até então, era discriminada pelos grandes intelectuais da história tradicional e positivista, que só atentavam em registrar a cultura da alta classe. Porém, com o surgimento de novos métodos, os estudos culturais possibilitaram as abordagens direcionadas para a classe popular, ou seja, a história das pessoas comuns, que antes não era reconhecida como cultura.

Partindo desse princípio, voltado para os estudos culturais, Peter Burke destaca a grande contribuição dos estudos de Edward Thompson que passou a analisar as mudanças econômicas e políticas, dentro do contexto de formação das classes, examinando, de perto, o processo de construção da cultura popular, que, por sua vez, registrou os rituais de iniciação de artesãos, as feiras dos pobres, enforcamento de pessoas odiadas e analisou poesias que retrataram a realidade vivida pelas pessoas simples da época. “Diante desses estudos de Thompson, o mesmo influenciou muitos outros historiadores, tanto na Grã Bretanha, quanto na Alemanha até a Índia, a voltar seus estudos para a história da Cultura popular” BURKE (2005 p.31).



Como seus colegas de história política ou econômica, os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação. (BURKE, 2005, p.33).

Portanto, é importante ressaltar que, diante dessas transformações no campo das análises voltadas para os Estudos Culturais, posteriormente, o processo de ampliação e conceitualização de novos paradigmas continuou a ser buscado pelos intelectuais considerados da Ala dos marxistas e da Escola dos Annales, sendo esta última criadora do conceito de mentalidade que, em seguida, passa a ser superada, como representação do imaginário, que, conseqüentemente, irá fundamentar com esses princípios o que hoje é denominada de História Cultural:

Como representante da Escola dos Annales, Jacques Le Goff entende que o conceito do imaginário veio a representar uma superação do de mentalidades, posto a circular por essa Escola desde Lucien Febvre. A mentalidade, contudo, nunca chegara a se impor como um conceito preciso. Definido de forma vaga se posicionava como uma maneira de pensar, para além dos limites da classe social e do conceito de estrutura mental que lhe corresponde, a ideologia... O imaginário se ofereceu como a categoria preferencial para exprimir a capacidade dos homens para representar o mundo. (PESAVENTO, 2008, p.45).

Em suma, o que até aqui foi exposto, concretiza fundamentalmente uma nova forma de ver e estudar as culturas e com elas as identidades vítimas de preconceitos e discriminações, ao longo de muitos anos. Uma nova forma metodológica que procura pautar para a não acepção, não alienação, ou seja, pela valorização das minorias, que não se omite a enfocar para o mundo as particularidades culturais que, sem dúvida alguma, têm sua parcela de contribuição na construção da história da humanidade. E esse compromisso e essa responsabilidade, portanto, são papel da história Cultural.

Sendo assim, as crônicas que relatam as ações cotidianas do homem sofrido do sertão de Goiás, passam a compor as novas vertentes de uma história inclusiva, com menos discriminação e mais realidade, no sentido de passar às gerações futuras uma identidade cultural que existiu e teve sua importância no processo de desenvolvimento do Brasil, que é a atividade garimpeira.

ORGANIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO NOS GARIMPOS



Geralmente, o local escolhido para fixação dos garimpeiros com suas traíás¹⁴ como forma de povoado se dá próximo aos córregos, regos d' água ou rios. É nesses lugares que constroem seus barracos de palha que poderão ficar por curto, médio ou longo prazo, dependendo da boa ou má produtividade do minério.

A forma de organização desses recintos é representada por três ou quatro barracos, próximos uns dos outros e com um girau¹⁵ de bambu no fundo do quintal para lavar as vasilhas. Dentro desses barracos, que são divididos em dois, três ou quatro cômodos, há o fogão de lenha, o conhecido fogão caipira. As tarimbas para dormir são feitas com o pau da folha de babaçu¹⁶, armada com quatro forquilhas de madeira, em que, depois de pronta, estende-se o colchão. As redes são também muito utilizadas pelos garimpeiros, pois são práticas e ocupam pequeno espaço.

Esses barracos são construídos geralmente próximos às árvores nativas e, ao se instalarem, os garimpeiros plantam árvores frutíferas, como mangas, cajus, abacates e outros. Ao anoitecer, utilizam como recurso para alumiar, a vela, a lamparina¹⁷, ou o lampião. Na época do frio, deve-se tomar cuidado com cobras entre as palhas, tanto do teto, quanto das paredes do barraco, pois, ao acender o fogo, o lugar aquecido pode atrair o animal. Por outro lado, o que não falta é o campo de futebol, local de divertimento, todas as tardes e no final de semana, onde a disputa é acirrada e animada; mesmo cansados, eles encontram força para jogar uma pelada¹⁸.

O transporte para a cidade fica por conta do proprietário da terra explorada, dos sócios do garimpo, ou de algum garimpeiro que, porventura, tiver um veículo de carroceria. As viagens à cidade pelos chefes de grupo de trabalho, dependendo da distância, são realizadas em intervalos de quinze, vinte ou trinta dias, com o objetivo de comprar mantimentos. Já os outros garimpeiros que ganham porcentagens, quando não pegam o

¹⁴ Traias: Roupas e objetos de garimpeiros.

¹⁵ Girau: Estrutura de madeira armada com quatro forquilhas com acento utilizada para lavar roupas e vasilhas.

¹⁶ Babaçu: Palmácea cujos frutos, drupáceos, fornecem sementes oleaginosas e comestíveis, das quais se extrai óleo útil.

¹⁷ Lamparina: Recipiente com um líquido iluminante, no qual se mergulha um discozinho transpassado por pavio que, aceso, dá luz.

¹⁸ Pelada: Jogo de futebol ligeiro em campo improvisado.



minério, podem passar meses e até anos sem ir à cidade, pois são custeados por Meia praça¹⁹ ou pelos sócios do garimpo.

Portanto, essas ocupações existem enquanto os garimpos são produtivos, caso contrário, o proprietário das terras não permite a permanência deles com seus barracos.

CONSEQUÊNCIAS DO GARIMPO AO MEIO AMBIENTE

O impacto ambiental causado pela prática do garimpo é incalculável, pois os garimpeiros utilizam produtos que, além de afetar sua saúde, prejudicam o Meio Ambiente, que sofre a destruição das Matas e o assoreamento dos córregos e rios, por meio dos desmontes com jatos de água, utilização de motores e dragas, no processo da prática do garimpo que, além de deixar erosões e grandes crateras, afetam a fauna e a flora por completo, deixando definitivamente o território em que são fixadas destruído, e, na maioria das vezes, irrecuperável e improdutivo para outras atividades. A fauna perece porque o garimpeiro, além de utilizar grandes estruturas de máquinas pesadas para encontrar os metais preciosos, também pratica a caça predatória irregular, dando fim à existência de certos animais no território onde está.

Assim, a memória se alimenta de uma materialidade, uma espécie de coleção de imagens presentes - imagens que a memória lembra e reconstitui em relação ao lugar, objeto ou sentimento.

No entanto, os elementos da natureza, como: rios, montanhas, campos, florestas e as construções humanas transformam-se em imagens, caminhos e representações de uma comunidade em sua vida cotidiana. Podemos notar isso, no modo de ser das pessoas e no falar da terra. As “imagens da natureza” são os fragmentos da lembrança em busca de um sentido, compreensão das imagens mentais que nos levam à ideia de natureza.

Contudo, ser garimpeiro não se resume somente em uma ideia negativa do ofício, às vezes, pela queima, outras, pelo perigo e o sofrimento na labuta do trabalho árduo e pesado,

¹⁹ Meia praça: Garimpeiro mantido financeiramente por terceiro para trabalhar no garimpo manual cujo dinheiro do minério é dividido igualmente.



sem saber quando irá bamburrar. Mas sempre alimentado pelos sonhos e expectativas de conquistar uma vida melhor ele é motivado a permanecer vivendo em meio a essa cultura heterogênea, composta por valores estereotipados, lugar que fixa as mais diversas tradições, onde se concentram diversas culturas para se adaptar a uma só realidade, a uma só situação social. É nessa junção e concentração, na busca pelo minério, que se encontram várias representatividades que possibilitam o resultado de uma hegemonia cultural rica, lugar onde pode haver trocas de experiências, assimilações de valores, mas, geralmente, podem acontecer conflitos culturais por um não concordar com as ideias do outro.

Enfim, o que importa é que todos os garimpeiros, por preferência, escolheram a liberdade a trabalhar a mando de um encarregado, patrão ou chefe. Preferiram viver na lida, às vezes, na solidão, mas nada os prende a um lugar, pois são os nômades do minério e muitos até se acostumam ao ritmo de vida que levam, aos eventos rotineiros que acontecem: as festas tradicionais, com farofa de frango e forró até o amanhecer, futebol animado, o jogo de baralho aos gritos, a pesca, a caça e os bons banhos nos córregos e rios, em contato direto com a natureza. Dessa forma, o garimpeiro leva sua vida e constrói, ao longo dos anos, a sua história de aventuras, de conquistas e derrotas, mas fundamenta sua existência nos sonhos de liberdade.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CROATTO, J. S. **As Linguagens da Experiência Religiosa.** São Paulo: Paulinas, 2001.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **O imaginário da Renascença.** Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANTINE, François. **O que é Imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



WILLIAMS, Raymond. **Palavras – Chave: Um vocabulário de cultura e sociedade.** Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.